



ORIENTE MÉDIO/ Israel avalia revogar a cidadania e retirar os benefícios previdenciários dos parentes de acusados de envolvimento em ações consideradas extremistas. A casa de Khayri Algam, que matou sete pessoas em uma sinagoga, foi lacrada

Cerco às famílias de "terroristas"

Em um momento de escalada na violência envolvendo israelenses e palestinos, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu afirmou, ontem, que a agência de segurança de Israel avalia “medidas adicionais de dissuasão em relação às famílias de terroristas”. Em nota publicada no site do Ministério das Relações Exteriores, o premiê cita a revogação do direito de cidadania e residência em Jerusalém; retirada de benefícios previdenciários e de saúde, e uma nova legislação permitindo a demissão de trabalhadores “que apoiem o terrorismo”, sem a necessidade de uma audiência. Ele reforçou que a lei para concessão de armas a civis deve mudar, para tornar o processo mais rápido.

“Esta manhã (manhã de domingo), fechamos a casa do terrorista que perpetrou o condenável ataque em Jerusalém; sua casa será demolida em breve”, disse Netanyahu, referindo-se a Khayri Algam, 21 anos, que assassinou sete pessoas em uma sinagoga de Jerusalém Oriental, na sexta-feira. O jovem foi morto pela polícia após uma perseguição. Ontem, as forças israelenses fecharam as entradas do imóvel, em Neve Yaakov, obrigando os moradores a abandoná-lo.

Embora, aparentemente, Algam tenha agido sozinho, a polícia prendeu 42 pessoas, incluindo a mãe dele, para investigar se participaram da chacina. Segundo o site de notícias israelense Ynet, o avô do atirador, também chamado de Khayri, foi morto a facadas em 1998, supostamente por um agressor judeu que foi detido, mas não chegou a ser acusado do crime.

“Vingança”

A demolição de casas de parentes de palestinos que mataram israelenses não é uma medida nova em Israel. O governo do Estado hebreu defende a medida por seu efeito dissuasório, mas os críticos a consideram uma punição coletiva desnecessária. “A demolição anunciada mostra a vontade de vingança do governo contra os parentes e não tem nenhum respeito pelo Estado de direito”, afirmou à agência France Presse Dani Shenhar, diretor jurídico da organização não governamental HaMoked.

Em entrevista ao jornal *The Washington Post*, um trabalhador da construção civil identificado como Rateb Matar, 49 anos, acusou as forças israelenses de demolir sua casa, no bairro de Jabal al-Mukaber, para dar uma resposta à sociedade. O homem disse não ter vínculos com os episódios recentes e contou que está em uma batalha legal com o município de Jerusalém desde 2017, acumulando milhares de dólares em multas e

taxas por construção ilegal.

“Segundo a cidade, estamos todos aqui ilegalmente, todas as casas”, afirmou. Matar disse acreditar que sua casa foi demolida para que o ministro de Segurança Nacional, Itamar Ben Gvir, mostrasse aos apoiadores que “estava fazendo algo”. “Ele que deu a ordem, ele queria isso na TV”, declarou.

Espiral

A espiral de violência começou na quinta-feira, com uma operação israelense no território palestino ocupado da Cisjordânia, uma incursão que matou nove palestinos, incluindo uma idosa. No dia seguinte, Algam abriu fogo perto de uma sinagoga e, no sábado, um adolescente de 13 anos atirou em dois judeus em um bairro fora do muro que delimita a Cidade Antiga, sem deixar vítimas letais. As autoridades também decidiram fechar e isolar a residência familiar do adolescente.

Na noite de sábado, um palestino foi morto perto do assentamento de Kdumim, na Cisjordânia, e colonos israelenses realizaram mais de 100 ataques em todo o território ocupado, segundo a mídia e autoridades locais. O exército afirmou que o homem assassinado foi visto “armado com uma pistola... e foi neutralizado pela equipe de segurança civil da comunidade”. A Wafa, agência oficial de notícias palestina, o identificou como Karam Ali Salman, 18 anos.

As declarações de Ben Gvir e de Netanyahu indicam que é possível uma escalada ainda maior da violência, apesar de o premiê ter afirmado o contrário. Na reunião de ontem, o ministro da extrema-direita disse que, em troca dos sete mortos na sexta-feira, o governo deveria, em sete dias, autorizar sete assentamentos ilegais na Cisjordânia, segundo o Canal 12, de Israel. “Os terroristas procuram nos massacrar indiscriminadamente; portanto, todos devemos nos unir como um só, na luta implacável contra eles. Nós vamos derrotá-los”, declarou o primeiro-ministro, em nota.

Diplomacia

Em pleno recrudescimento da violência, o chefe da diplomacia dos Estados Unidos, Antony Blinken, chegou ontem ao Egito, primeira escala de uma rápida visita ao Oriente Médio, que incluirá visitas a Jerusalém e Ramallah. Há semanas, autoridades norte-americanas alertam para uma escalada do conflito israelense-palestino. O porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Vedant Patel, disse que Blinken pedirá a Benjamin Netanyahu e ao líder palestino Mahmud

Fotos: AFP



Homem caminha sobre os escombros de imóvel em Jerusalém Oriental: morador diz não ter vínculo com atos de violência



Policiais se preparam para fechar residência de autor de massacre da última sexta-feira

Abas “que sejam adotadas medidas para reduzir as tensões”.

Para analistas, a margem de manobra do secretário de Estado americano parece limitada. “Penso que o melhor que ele pode conseguir é que as coisas se estabilizem, para evitar a repetição de maio de 2021”, afirmou à France Presse Aaron David Miller, ex-conselheiro

do governo norte-americano e analista da Fundação Carnegie de Washington, em uma referência ao conflito entre Israel e os grupos armados palestinos em Gaza. Ghaith Al Omari, do Instituto Washington, considera que “a visita não aponha nenhuma mudança na posição norte-americana a respeito do conflito israelense-palestino”.

Na tradicional oração dominical na Praça de São Pedro, no Vaticano, o papa Francisco pediu a israelenses e palestinos que iniciem uma “busca sincera da paz”. “A espiral da morte que aumenta dia a dia não faz mais do que apagar os poucos vislumbres de confiança que existem entre os dois povos”, disse o pontífice.

Irã denuncia ataque

Autoridades iranianas afirmaram ter repellido um ataque com drones em uma área militar em Isfahan, situada no centro do país, na madrugada de domingo. De acordo com a agência estatal Irna, um dos veículos foi destruído pelo sistema de defesa antiaéreo da instalação, enquanto os outros dois explodiram. A investida, segundo Teerã, não provocou vítimas, apenas “danos menores no telhado” de um prédio do complexo militar. “Um ato covarde foi executado para tornar o Irã menos seguro”, denunciou o chanceler Hossein Amir-Abdollahian. “Essas ações não conseguem abalar a vontade de nossos especialistas para o desenvolvimento do (setor) nuclear pacífico”, acrescentou.

Um vídeo que circulou nas redes sociais, e do qual a agência France Presse não conseguiu comprovar a autenticidade, mostra uma grande explosão no local. Muitos veículos de emergência seguiram para a área.

Os Estados Unidos negaram qualquer envolvimento com o episódio. Sob anonimato, uma fonte norte-americana cogitou a possibilidade de Israel estar por trás do ataque. Nos últimos anos, Teerã acusou Tel Aviv de executar várias ações secretas em seu território.

REINO UNIDO



Nadhim Zahawi foi acusado de agir com falta de transparência

Escândalo fiscal derruba ministro

Ao fim de seis dias de investigações, o premiê britânico, Rishi Sunak, anunciou ontem a exoneração do ministro sem pasta Nadhim Zahawi, que também é presidente do Partido Conservador, por falta de transparência fiscal. “Está evidente que houve uma grave violação do código ministerial”, escreveu Sunak, em uma nota publicada por Downing Street. “Como resultado, eu o informei sobre minha decisão de destituí-lo de sua posição no governo de Sua Majestade”, afirmou Sunak.

As investigações tiveram início

após revelações da imprensa de que Zahawi pagou milhões de libras ao fisco britânico para solucionar um litígio. O acerto de contas com a Receita, incluindo as multas, ocorreu entre julho e setembro do ano passado, durante um breve período em que ele foi ministro das Finanças, no governo do ex-primeiro-ministro Boris Johnson.

O conselheiro de ética Laurie Magnus concluiu que Zahawi deveria ter declarado a investigação fiscal da qual era alvo e também atualizado sua declaração de interesses depois de solucionar a

questão com a Receita. Magnus criticou as “omissões” de Zahawi, que “não levou em consideração de modo suficiente” os princípios da vida pública, que consistem em ser “aberto, honesto e um líder exemplar com seu próprio comportamento”.

O caso estava relacionado à venda de uma participação do instituto de pesquisas YouGov — que Zahawi fundou em 2000 e avaliada em 27 milhões de libras esterlinas (cerca de R\$ 171 milhões) — para uma empresa de investimentos, Balshore Investments, registrada

em Gibraltar e vinculada à família do político conservador.

Zahawi, 55 anos, alegou uma “negligência” e não um ato deliberado na gestão do caso. Inicialmente, ele ameaçou abrir um processo contra a imprensa por difamação. Ontem, em sua resposta a Rishi Sunak, o ministro destituído voltou a expressar preocupação com o comportamento de vários meios de comunicação.

Nascido em Bagdá, filho de pais curdos, Zahawi chegou ao Reino Unido ainda criança e fez uma grande fortuna antes de

entrar para a política. No governo, entre outros cargos, ele supervisionou a campanha de vacinação contra a covid-19.

Ao destituir o ministro, e não pedir que apresentasse a renúncia, Sunak, segundo analistas, teve como objetivo reafirmar sua autoridade, especialmente depois que prometeu “integridade, profissionalismo e responsabilidade” ao assumir o cargo de primeiro-ministro. Depois de 13 anos no poder, os conservadores viram sua reputação abalada por escândalos de conflito de interesses. O cenário provocou o aumento das acusações de corrupção por parte da oposição trabalhista, que atualmente lidera as pesquisas de intenção de voto.